

ESPERIDIÃO

Sergio Buarque de Holanda

NÃO é certamente dos mais suas, para um comentador de escritos alheios, a obrigação de apreciar devidamente uma obra como *Esperidião*, do Sr. Benedito Valadares (Cruzeiro, S. A., Rio de Janeiro, 1951).

O propósito de abordá-lo segundo puros padrões literários é o primeiro que há de tentar o crítico, pois que outros padrões parecerão à primeira vista mais cabíveis em face de um livro de literatura?

Sérias dificuldades apresentam-se, no entanto, em face de um semelhante intento. A primeira e maior estaria em saber-se como precisar e delimitar o elemento especificamente literário, já não digo do romance do Sr. Valadares, mas do gênero romance. Alguns críticos e sobretudo teóricos e críticos da crítica trataram, não há muito, de iludir essa dificuldade, apontando, no caso particular da poesia, para as complexidades de sua melodia peculiar, de sua técnica, de seu próprio idioma, até hoje tão mal ou insuficientemente esclarecidos. E entre os mais afoitos ou simplesmente mais canhestros, não faltou quem descobrisse nessas mesmas complexidades o caráter essencial, verdadeiramente intrínseco, de toda poesia e, por extensão, da literatura.

Se tivesse chegado a prevalecer tal critério, que consiste, a rigor, em ver-se na obra literária, não o que ela é realmente, mas o que é exclusivamente, teríamos por força de chegar a construir uma verdadeira hierarquia de valores estéticos, onde a poesia, dada a sua maior pureza atual ou virtual, ocupasse por força o lugar mais privilegiado.

É claro que não poderíamos adaptar esse ponto de vista ao estudo do romance, que é por excelência um gênero "impuro", com objeto definido, tributário de circunstâncias exteriores, que o autor pode ter recriado com engenho e arte, mas que não nasceram de sua livre imaginação. Nesse caso pareceria impossível pretender destacá-lo daquele objeto e destas circunstâncias que o tornaram possível, e que continuarão a comunicar-lhe, justamente nas melhores hipóteses, o calor e o sabor da vida real.

No caso deste livro do Sr. Benedito Valadares a tentativa de abordá-lo segundo padrões literários e estéticos, entendidos naquele sentido estreito, complica-se ainda mais pela presença de fatores extra-literários que em grande parte determinaram seu extraordinário sucesso de livraria. A tal ponto que o panegirista ou o censor da obra não escapam sempre com facilidade à inevitável suspeita de que seus julgamentos teriam sido coloridos, de certa maneira, pela opinião benévola ou desfavorável que lhes pode ter inspirado o homem público.

Não é necessário ser um panegirista, contudo, para reconhecer que o autor feriu bem seu alvo, oferecendo-nos um espécimen literário ainda mal explorado entre nós: a novela de costumes políticos. Entre aqueles que estimam no romancista principalmente a capacidade de mergulhar fundo nos arcanos e abismos da alma humana — para recorrer à chapa usual — haverá sem dúvida quem denuncie aqui a psicologia linear, atenta apenas às ações e reações exteriores das personagens. A estes responderá o autor lembrando que seu intento foi o de espelhar pura e simplesmente, da posição privilegiada em que o colocaram sua vocação política e sua experiência pessoal, fatos dos mais corriqueiros da vida social brasileira.

A OUTROS, que o censuram pela forma às vezes mal elaborada, pela expressão às vezes estereotipada e convencional (embora, em outros casos, de uma nitidez e até de uma densidade admiráveis), ele já respondeu de antemão, naquele colóquio imaginário com um diabo de comédia, que serve de prólogo e explicação ao livro: "E' assim que os mineiros conversam."

Não há, pois, como apartar este romance do mundo que nele se espalhou: mundo chão e incuravelmente mediocre, sem altos nem baixos sem grandes asperezas nem fundos abismos. A simplicidade e coerência da narrativa dá-se bem com o sistema dos capítulos parcimoniosos (um deles não traz mais de duas linhas), que permitem ao narrador grande li-

berdade de movimentos e tiram espaço para divagações extensas e naturalmente monótonas. Sistema que pode ter sido inspirado diretamente na leitura de Machado de Assis, mas que pertence, de fato, à economia tradicional do gênero



picaresco, desde o segundo Lázaro até às Memórias de um Sargento de Milícias. — e também ao gênero satírico, desde, pelo menos, as Viagens de Gulliver.

Precisamente as versões que, já antes de publicar-se o volume, tendiam a apresentá-lo como obra de sátira, e sátira contra conhecido político mineiro de projeção nacional, representariam um dos poderosos motivos extra-literários do

largo interesse desde cedo suscitado pela obra. Mas aqueles que procurassem saborear apenas o picante da sátira e mesmo a ponta de escândalo neste verdadeiro ou pretense romance *à clef*, não de estar hoje um tanto decepcionados. Ou o gosto da caricatura individual e com endereço certo não entrava realmente nas cogitações do autor, ou este teve a sabedoria, de nuançar o desenho, de modo a evitar que se pronunciasse em demasia o traço forte. E nisto o político sonso que é o Sr. Benedito Valadares pôde encontrar-se com o romancista habilidoso.

EM realidade seu *Esperidião* não chega a ser melhor, nem muito pior do que a generalidade dos políticos brasileiros. Tão numerosa e homogênea é sua família que o indivíduo retratado, sem perder os traços pessoais, pode alcançar facilmente as proporções de figura típica e simbólica. Nêle, e em seu mundo, podemos surpreender, com aquela viveza que só se torna possível através da engrenagem das obras de ficção, uma etapa decisiva do mesmo processo de ascensão do bacharel e do mestiço que o Sr. Gilberto Freyre promete analisar em um dos seus alentados trabalhos de sociologia histórica.

Se *Esperidião* consegue ser pessoalmente mais antipático do que o velho coronel Timóteo é talvez porque sua ambição nos parece mais trêfega e audaciosa, porquê à sua atividade pública falta o lastro de tradições capaz de conferir a aparência de direito adquirido aos atos e manobras mais ou menos escusos com que este sustentara seu prestígio político. A ordem que representa o coronel, embora fundada notoriamente na injusti-

ça e, às vezes, se preciso, na violência, tem a seu favor a consagração de usos ancestrais que ninguém ousa discutir seriamente. Por isso traz para todos, comparada à nova ordem que se busca implantar e se implantará, o selo da legitimidade e o cunho de uma soberana brandura. Por que discutir os aspectos vulneráveis dessa situação, se nêles se refletem apenas as fraquezas da condição humana? Afinal, para a opinião popular, aqueles aspectos vulneráveis — eleições a bico de pena, atas falsas, favoritismo — são compensados com vantagem pelos benefícios reais que ela proporcionou ao município: a água e o esgoto, que desterraram para sempre o flagelo do tifo, os prédios escolares que não se destinavam apenas ao fabrico de eleitores, a força, a luz elétrica.

A ORDEM representada por *Esperidião* e seus comparsas do novo governo do Estado é fundada, esta, sobre argumentos racionais, únicos que podem sobrepor-se de modo plausível, aos argumentos emotivos e sentimentais onde se baseara o longo prestígio do coronel. A vitória do bacharelismo sobre o coronelismo parece imposição inelutável da cultura e da civilização modernas. E as reservas íntimas que *Esperidião*, quando juiz de direito, não deixara de fazer às arbitrariedades do antigo chefe político — com as quais pactuara, entretanto, quando se tratou de servir às próprias ambições — podem tornar um pouco menos escabrosa sua traição, no momento em que se achar bem amparado para a luta contra o potentado. Ela não destoa em nada do princípio que estipula uma separação nítida entre a moral política e a privada e doméstica. Princípio expresso, aliás, pelo próprio coronel Timóteo quando resumira sua solerte sabedoria na fórmula que se tornou célebre: "Em política, vergonha é perder".

Mais tarde o próprio *Esperidião* não terá dúvidas em recorrer aos mesmos processos que reprovara no antecessor. Apenas a vergonha de perder escuda-se, nesse caso, na necessidade de assegurar-se o triunfo do esforço para a regeneração dos costumes, alcançado através da guerra contra o regime "entorpecedor" do coronelismo. A ambição pessoal insofrecível só pode ganhar quando apoiada em motivos aparentemente mais altos, em todo caso decentes e confessáveis, que ostenta o grande esforço renovador.

No fundo é certo que a mesma amoralidade continua pairando sobre a vida política, agora, talvez, ainda mais funesta, porquê mais disfarçada e porquê ganhou sangue novo. Como observador participante dessas condições o Sr. Benedito Valadares pôde oferecer-nos um livro onde as virtudes, por vezes surpreendentes, da criação artística não saem diminuídas pelo valor e pela fidelidade do documentário.

Remessa de livros: Rua Haddock Lobo, 1.625, S. Paulo.

DIÁRIO CARIOCA

2 de Dezembro de 1951